



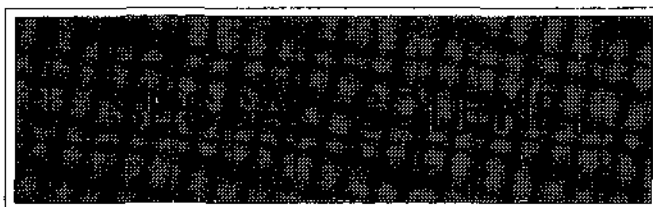
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

TERCEIRA SECRETARIA

DIRETORIA LEGISLATIVA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA E APOIO AO PLENÁRIO

SETOR DE TAQUIGRAFIA



NÚMERO: 349

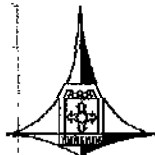
ASSUNTO: Dia do Orgulho Gay

DATA: 30/06/03

HORA: 11 horas

LOCAL: Plenário da CLDF

45 laudas



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

**TERCEIRA SECRETARIA
DIRETORIA LEGISLATIVA
DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA E APOIO AO PLENÁRIO**

**SETOR DE TRAMITAÇÃO, ATA E SÚMULA
SETOR DE TAQUIGRAFIA**

1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 4ª LEGISLATURA

**ATA DA 34ª
(TRIGÉSIMA QUARTA)**

**SESSÃO SOLENE
EM HOMENAGEM AO
DIA DO ORGULHO GA Y,**

EM 30 DE JUNHO DE 2003.

I - SÚMULA

PRESIDÊNCIA: Deputadas Eríka Kokay e Ariete Sampaio

LOCAL: Câmara Legislativa do Distrito Federal

INÍCIO: 11 horas

TÉRMINO: 12 horas e 45 minutos



1 - ABERTURA

Presidente (Deputada Erika Kokay):

Realiza-se nesta data a sessão solene em homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

2 - COMPOSIÇÃO DA MESA

- **PRESIDENTE DA SESSÃO, PRESIDENTE DA CDDHCEDP, VICE-PRESIDENTE DA CAS E CO-AUTORA DO REQUERIMENTO, Deputada Erika Kokay;**
- **PRESIDENTE DA SESSÃO, PRESIDENTE DA CES E CO-AUTORA DO REQUERIMENTO, Deputada Aríete Sampaio;**
- **SEGUNDA-SECRETÁRIA DA CLDF E CO-AUTORA DO REQUERIMENTO, Eliana Pedrosa;**
- **PROCURADOR DO TRABALHO DO MINISTÉRIO PÚBLICO DO DF, Maurício Correia de Mello;**
- **FUNDADOR DO GRUPO *BEIJO LIVRE*, JORNALISTA E ESCRITOR, Alexandre Ribondi;**
- **DOUTORANDA EM ESTUDOS FEMINISTAS DO CURSO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Patrícia Lessa;**
- **PRESIDENTE DA ONG AÇÕES CIDADÃS EM ORIENTAÇÃO SEXUAL E APRESENTADOR DO PROGRAMA DE RÁDIO *BEIJO LIVRE* E MEMBRO DO CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO, Jaques Jesus;**
- **DIRETOR E ATOR DE TEATRO DA COMPANHIA O *HIEROFANTE* É COMENDADOR DA ORDEM DO MÉRITO CULTURAL DO DF E PIDADÃO HONORÁRIO DE BRASÍLIA, Humberto Pedrancini;**
- **PRESIDENTE DO GRUPO ESTRUTURAÇÃO E DA ASSOCIAÇÃO DA PARADA DO ORGULHO HOMOSSEXUAL DE BRASÍLIA, Welton Trindade.**

**3 - PRONUNCIAMENTOS**

PEPUTADA ERIKA KOKAY, Presidente da sessão e co-autora do requerimento.

PEPUTADA ARLETE SAMPAIO, co-autora do requerimento.

DEPUTADA ELIANA PEDROSA, co-autora do requerimento.

MAURÍCIO CORREIA DE MELLO, Procurador Regional do Trabalho do Ministério Público do Trabalho do DF.

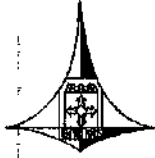
ALEXANDRE RIBONDI, fundador do Grupo *Beijo Livre*, jornalista e escritor.

PATRÍCIA LESSA, doutoranda em Estudos Feministas do Curso de História da UnB.

HUMBERTO PEDRANCINI, diretor e ator do teatro da companhia *O Hierofante*, membro do grupo *Beijo Livre*, comendador da Ordem do Mérito Cultural do DF e Cidadão Honorário de Brasília.

JAQUES JESUS, presidente da ONG Ações Cidadãs em Orientação Sexual, apresentador do programa de rádio *Beijo Livre* e membro do Conselho Nacional de Combate à Discriminação.

WELTON TRINDADE, presidente do Grupo Estruturação e da Associação da Parada do Orgulho Homossexual de Brasília.



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

4 - ENCERRAMENTO

Presidente (Deputada Aríete Sampaio);

- Declara encerrada a sessão.

II - DETALHAMENTO

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	1

MESTRE-DE-CERIMÔNIAS - Senhoras e senhores, bom-dia.

Terá início neste momento a sessão solene alusiva ao Dia do Orgulho Gay.

Esta sessão será presidida pela Exma. Sra. Presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos, Cidadania, Ética e Decoro Parlamentar, Deputada Erika Kokay.

PRESIDENTE (DEPUTADA ERIKA KOKAY) - Declaro aberta a sessão solene destinada a comemorar o Dia do Orgulho Gay.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Convido para fazer parte da Mesa as seguintes autoridades: o Sr. Procurador do Trabalho do Ministério Público do DF, Maurício Correia de Mello; o Sr. Alexandre Ribondi, fundador do Grupo Beijo Livre, jornalista e escritor; a Sra, Patrícia Lessa, doutoranda em Estudos Feministas do curso de História da UnB; o Sr. Presidente da ONG Ações Cidadãs em Orientação Sexual, Jaques Jesus, também apresentador do programa de rádio *Beijo Livre* e membro do Conselho Nacional de Combate à Discriminação; o Sr. Humberto Pedrancini, diretor e ator de teatro da companhia *O Hierofante* e também comendador da Ordem do Mérito Cultural do DF e Cidadão Honorário de Brasília; o Sr. Presidente do Estruturação - Grupo Homossexual de Brasília, Welton Trindade, também Presidente da Associação da Parada do Orgulho Homossexual de Brasília.

Convido todos para entoarmos o Hino Nacional.

(Hino Nacional.)

PRESIDENTE (DEPUTADA ERIKA KOKAY) - Convido para compor a Mesa a companheira Deputada Aríete Sampaio, Presidente da



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	2

Comissão de Educação e Saúde e co-autora do requerimento que possibilitou a realização desta sessão.

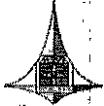
Agradeço a presença dos senhores nesta comemoração.

Cumprimento carinhosamente todos os companheiros e companheiras que fazem parte da **Mesa**, todos os operadores de direitos e de construção da cidadania.

Temos aqui companheiros novos e alguns pioneiros nesta luta. Temos! o prazer de ter aqui o Sr. Alexandre Ribondi, fundador do Grupo Beijo Livre. Vejam que significado contém o termo "beijo livre": o beijo enquanto manifestação de afeto, amor e carinho. A sociedade que aprisiona o beijo é uma sociedade aprisionada. Portanto, precisamos libertar todos os beijos para que tenhamos a construção de uma sociedade livre.

Estamos aqui, no dia de hoje, lembrando o dia 28 de junho de 1969, quando pessoas que se encontravam no bar *Stonewall Inn*, em Nova Iorque, decidiram reagir contra a discriminação que sofriam porque exerciam ou efetivavam uma orientação sexual não-padronizada dentro da norma. Isso provocou, em Nova Iorque, uma batalha que durou três dias, e, a partir de então, com essa reação de sujeitos de direitos, sujeitos completos, sujeitos seres humanos, houve um processo de modificação nas próprias leis que, naquela cidade, impunham a repressão aos bares e aos locais frequentados por homossexuais.

Sempre gosto de repetir que os direitos humanos são indivisíveis. Nenhum direito é superior a outro direito humano. O direito à comida, o direito à educação, o direito à saúde, o direito à expressão política, os direitos individuais e os direitos civis não são maiores do que o direito de

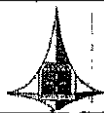


Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	3

sermos como somos. Por isso, Levinsk diz que isso de querermos ser **exatamente** o que somos ainda nos levará muito além. E tem nos levado muito além. Pela primeira vez, na história da ONU, o tema orientação sexual entrou na agenda da sua Comissão de Direitos Humanos. Vitória da cidadania; vitória da liberdade; vitória da condição humana, porque somos seres que têm desejos e os únicos seres da terra que conseguem dialogar com o **desejo**, com o **amor**, com o infinito e com o sonho e que conseguem transformar a realidade quando ela dói.

Diria eu que uma sociedade que discrimina uma parte dela **mesma** e que aprisiona o beijo e os sentimentos é uma sociedade que não penaliza apenas quem ela discrimina, é uma sociedade que está demonstrando e exarando sintomas da sua própria doença de não considerar a condição humana na sua globalidade, de tentar impor uma normalidade heterossexual, uma normalidade que não é natural a um processo de construção histórica da naturalização da norma nesta **cidade**, neste país e nesta sociedade.

Ora, assim como a morte, os transtornos mentais e qualquer expressão da condição humana, a forma de se perceber as diversas **expressões** da sexualidade são aquelas construídas historicamente, não são naturais. Busca-se, portanto, impor uma naturalização da norma da **expressão** da sexualidade heterossexual, busca-se impor essa normatização e essa **naturalização**, porque, em verdade, a nossa sociedade pouco sabe conviver com o amor, o desejo e a sua própria sexualidade. Diria eu que, por trás de todo **preconceito**, da discriminação e da busca da naturalização da norma] há uma concepção de que a felicidade e o prazer não são



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página	A.º
30/06/03	11h	SOLENE	4	

fundamentais e uma concepção que busca associar o sexo à própria reprodução e, não, à expressão livre da forma como estamos no mundo.

Alguém já disse que revolucionário, de fato, é a felicidade; revolucionário, de fato, é o prazer; revolucionário, de fato, é a realização dos nossos desejos que são tão castrados sob as mais diversas óticas de uma sociedade que busca não só naturalizar todas as normas, mas também naturalizar a barbárie, a miséria, o preconceito e a discriminação.

Por isso, nós aplaudimos de pé a decisão da Argentina de estar aprovando a união civil, como aplaudimos de pé a decisão do Tribunal Regional do Trabalho de punir a discriminação porque vamos ter que nos libertar; de todas as normas que nos impõem uma vida e uma condição de existência que se afasta da felicidade, que se afasta do prazer, que se afasta do que é essencialmente revolucionário, essencialmente agente da nossa própria mudança e da nossa transformação.

Quando somos concebidos, quando estamos ainda em processo de desenvolvimento, no útero das mães, impõe-se um papel para nós, impõe-se a adequação a uma norma, a um molde. E nós, ainda no útero da mãe, vivemos para preencher os fantasmas talvez dos nossos pais e de uma sociedade carente e de uma sociedade tão ferida na sua cidadania e na sua condição humana.

Por isso, nós fazemos aqui uma homenagem especial a todos que decidiram enfrentar a normalidade heterossexual e tiveram a coragem de firmar, primeiramente, um compromisso com a sua própria existência, com a sua própria vida, com a sua própria liberdade; que tiveram um compromisso de libertar os beijos porque lutamos, em verdade, por uma



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/02	11h	SOLENE	5 ⁹

sociedade que tenha todas as cores. Lutamos por uma sociedade em uma cidade onde o um beijo seja simplesmente um beijo, nada além de um beijo; uma sociedade em que não tenhamos nunca que conviver com a violência de admitir que milhares de pessoas não possam nominar o objeto do seu desejo e do seu amor, que tenham de despersonalizá-lo, "desfulanizá-lo" e que, ao trabalho, falem ao telefone e refiram-se ao objeto do seu desejo, do seu amor como uma figura, como uma pessoa, e não como alguém que tenha nome, que tenha identidade, não como alguém real, objeto do desejo, objeto do amor e objeto do afeto.

Ora, que sociedade é esta que, em nome da norma, vai ultrapassando e vai sepultando tantas expressões da condição humana? Não é uma sociedade de homens e mulheres livres que possam expressar e construir as suas realidades.

i Lembro-me da mitologia grega, que diz que havia um ser que tinha quatro braços, quatro pernas, duas cabeças, dois sexos e que era um ser de completa felicidade chamado Eros. E que Zeus, com tanto ciúme de tanta felicidade, decidiu cindir esse ser ao meio. Desde então, precisamos de uma realização erótica, da busca do outro, da busca do Eros completo. Portanto, também nós nos encontramos no outro e nos outros. Somos seres que carregam uma falta e que, por isso, realizam, do ponto de vista erótico, a própria transcendência dos seus próprios limites.

Uma sociedade que nega a capacidade de nos encontrarmos nos outros em função de uma norma estabelecida, que busca que seja global, sufoque e absorva toda a condição humana, é uma sociedade que tem que ser revista e que está sendo revista. É uma sociedade que está distante do



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página	Q
30/06/03	11h	SOLENE	6	1

poema de Tiago de Mello: "Ora, vamos juntos construir uma cidade que nos caiba, que nos caiba a todos nós". A nossa diversidade é condição peculiar da natureza humana. Somos diversos! Não podemos ser negados na nossa diversidade e não podemos ser encarados com apenas uma cor.

Diz Tiago de Mello: "Vamos construir a cidade que caiba todos nós". Mas não só que caiba homens, mulheres, negros, não-negros, independente de nossa orientação sexual, homossexuais, heterossexuais, bissexuais, travestis e tantos outros, mas que nos caiba por inteiro, com as nossas canduras e nossas diabruras, com a condição humana plena por inteiro. É o que diz Tiago de Mello. Esta é a cidade que queremos construir para todos que encaramos a dimensão e a profundidade dos direitos humanos, a indivisibilidade e a universalidade dos direitos humanos e a liberdade primeira e mais próxima de resgatarmos o mito de Eros sem termos medo de aprisionar os nossos beijos e sem termos o impedimento de nominarmos o objeto do nosso desejo, do nosso amor e do nosso afeto.

A norma é tão violenta que, primeiro, criminalizava o homossexual. Por isso, saudamos a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos, no último dia 26, que considerou inconstitucional a lei que proibia a relação homossexual, que ainda vigorava em treze estados norte-americanos e que, em 1961, vigorava nos 51 estados norte-americanos. Ou seja, primeiro tentou-se criminalizar o que fugia da expressão da sexualidade considerada como norma. Depois buscou-se "patologizar", transformar em patologias a expressão livre da manifestação homoerótica.

Conseguimos a descriminação; conseguimos destruir a "patologização" e estamos lentamente, a partir de todos que estão aqui



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	7

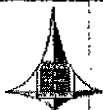
nesta Mesa e tantos outros que ousam romper a norma, conquistando espaços, fazendo com que se construa a visão da diversidade humana. Estamos conseguindo desconstruir o preconceito e a discriminação.

Portanto, encerro dizendo, mais uma vez, que estamos na Comissão de Defesa dos Direitos Humanos, Cidadania, Ética e Decoro Parlamentar da Câmara - eu, a Deputada Aríete Sampaio e a Deputada Eliana Pedrosa, que assinamos o requerimento a realização desta sessão solene; - para continuar a desconstrução de uma sociedade feita com os fios da discriminação, da normatização, enfim, do aprisionamento. Temos toda a disposição de construir - com os fios, talvez do sol, como diz o poeta - um novo amanhã, em que não tenhamos qualquer medo ou qualquer impedimento de dizer que um beijo é simplesmente um beijo e de nominar todos os nossos objetos de desejo, de amor e de afeto, e uma sociedade em que o amor seja livre e a expressão da sexualidade possa se manifestar da forma livre, como cabe aos seres humanos, construída com o pensamento, com a vontade, com o sentimento; um resgate do mito de Eros com liberdade.

Um grande abraço a cada um de vocês. (Palmas.)

Está aqui conosco também a Exma. Sra. Segunda Secretária desta Casa, Deputada Eliana Pedrosa, a quem convidamos para compor a Mesa.

Registramos a presença dos seguintes convidados: Joelma Cezário, Coordenadora do Núcleo Afro-descendente do Estruturação - Grupo! Homossexual de Brasília; Mariza Alves; Márcio Costa, que representa a Deputada Federal Maninha; Lucivaldo Paz de Lira, educador e



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/Oá	11h	SOLENE	8

Superintendente-Executivo da Fundação Consciência e Arte - ONG, com projetos sociais em sessenta municípios mineiros; Melissa Navarro, Vice-Presidente do Estruturação; Carlos Augusto Ferreira Menezes, Coordenador do Núcleo Surdos do Grupo Estruturação.

Agradecemos a presença de todos os presentes.

Passo a palavra à companheira e Deputada Aríete Sampaio.

DEPUTADA ARLETE SAMPAIO - Quero cumprimentar a Presidente desta sessão solene, companheira e Deputada Erika Kokay; a Exma. Sra. Deputada Eliana Pedrosa; os componentes da Mesa e todos presentes nesta sessão.

Quero começar falando que eu acredito que a luta contra todo e qualquer tipo de discriminação deveria estar absolutamente presente na cabeça de todos os que dizem defender uma sociedade democrática e que dizem defender a igualdade de direitos entre os seres humanos.

A natureza é por si mesma extremamente pródiga em nos mostrar que o mundo é constituído de diferenças. Quantos tipos de árvores conhecemos? Dos jequitibás gigantescos até as árvores tortuosas do nosso cerrado. Por que querer impor ao ser humano um padrão exclusivo, prefixado de comportamentos? Nós, seres humanos, vivemos séculos de obscurantismo, séculos de repressão, séculos de tentativas de se impor um modelo único e um padrão determinado de comportamento que pressupunha o poder nas mãos de um único gênero.

Felizmente, os seres humanos conseguiram se rebelar diante desse contexto e dessa construção estereotipada. Conhecemos, principalmente a partir dos séculos XIX e XX, verdadeiros levantes daqueles



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	9

segmentos sociais que se sentiam discriminados. O movimento das mulheres, o movimento feminista, trouxe uma importante contribuição na luta pela democratização da sociedade e, nesse contexto também, o movimento pela afirmação da cidadania homossexual. Creio que, nesses últimos séculos, todos os avanços de reconhecimento da cidadania homossexual que conhecemos têm a ver com a postura de todos os que disseram: "Não, nós não vamos mais suportar sermos discriminados. Nós existimos e a nossa sexualidade é natural. Vamos, então, lutar para termos o direito de nos expressarmos sexualmente na forma como achamos que nos faz feliz".

Portanto, a partir do século XX conhecemos diversas manifestações dos movimentos homossexuais e essas manifestações redundaram em um avanço concreto. Evidentemente não é o avanço desejado numa sociedade que deverá ser, um dia, pela nossa luta, verdadeiramente democrática, mas já se avançou enormemente no reconhecimento dos direitos à cidadania homossexual.

Quero lembrar, inclusive, no que diz respeito à minha própria experiência como profissional na área de saúde, o que a comunidade médica pensava há bem pouco tempo, quando instituía um CID - Código de Identificação das Doenças, que definia um código para os homossexuais. Então, cada "paciente" que procurava o serviço de saúde público e fosse considerado homossexual tinha um CID. Isso estabelecia, evidentemente, que deveria ser tratado.

Foi a existência de movimentos homossexuais que provocaram uma reflexão e até uma mudança de postura da comunidade científica mundial, que passou a entender que não se trata de um dia a pessoa dizer



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	10

"Agora, vou optar por ser homossexual!", com toda a carga de preconceito que isso representa. Passou-se a definir claramente como sendo um processo de orientação sexual que tem "n" componentes que definem essa orientação. A partir daí, conseguiu-se avançar na conquista de direitos. O reconhecimento da possibilidade da construção de uma família homossexual em vários países do mundo - a Revista *Veja* desta semana expressa muito bem o estudo a respeito - demonstra que essa luta não tem sido em vão, que essa luta tem sido farta de vitórias, de conquistas, embora ainda tenhamos muito a caminhar.

No Brasil, temos ainda uma Constituição Federal que, de maneira preconceituosa, impediu que se colocasse a luta contra a discriminação com relação à orientação sexual, retirando do texto "orientação sexual" e inserindo no texto "orientação de sexo", ou seja, a discriminação contra sexo é proibida. Na Lei Orgânica do Distrito Federal Brasília avançou-se: temos expressamente registrada a proibição contra qualquer tipo de discriminação, inclusive a discriminação contra orientação sexual. A Lei n.º 2.615, de 2000, pune todo aquele tipo de estabelecimento comercial que pratique discriminação contra homossexuais. Infelizmente ainda faz parte da luta de todos nós, de todos os democratas deste país e desta cidade, fazer com que essa lei seja regulamentada para que sejam estabelecidas penalidades contra aqueles que infringirem aquilo que está na Lei n.º 2.615.

Portanto, quero dizer que há muito chão ainda para percorrermos com todos aqueles que são tratados de forma discriminatória na nossa sociedade, entre eles todos aqueles que defendem a construção de uma cidadania plena homossexual.



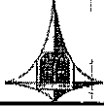
Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	11

Fica claro a intolerância que ainda se expressa em muitas das pessoas que admitem e acham que as suas verdades são as verdades que têm de ser impostas aos demais e **que**, portanto, ainda se escondem por trás de igrejas, de religiões etc. e tal para praticar e justificar a sua própria discriminação.

- Nesta sessão solene comemoramos o Dia do Orgulho Gay, que foi no dia 28 de junho, sábado passado, quando assistimos no mundo inteiro a manifestações extremamente importantes e vigorosas de afirmação dos direitos da cidadania homossexual - inclusive em São Paulo aconteceu uma das maiores manifestações do mundo todo. Temos de trazer para esta Casa a retomada de debate para que possamos aprofundar, nas leis constituídas em nosso Distrito Federal, a plena afirmação da cidadania homossexual como um direito dos indivíduos.

Queremos dizer que o nosso mandato estará à disposição de todos os movimentos organizados em Brasília para juntos buscarmos alternativas e soluções, fazermos denúncias e exigirmos do Poder Público ações afirmativas que permitam a construção dos direitos da homossexualidade.

Registro também o nosso desejo de homenagear todos aqueles que tiveram a coragem de construir esses movimentos pela afirmação da cidadania homossexual. Para botar a cara de fora e aceitar a discriminação que vem da sociedade é preciso coragem. Portanto, parabênzo a todos e afirmo que, como democrata que sou, jamais deixarei de lutar contra toda e qualquer tipo de discriminação às pessoas. Lutarei pela plena defesa da



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	12

igualdade de direitos entre todos os cidadãos, independente de sua cor, independente do seu sexo, independente da sua orientação sexual.

i Contem sempre conosco na Câmara Legislativa do Distrito Federal ou em qualquer lugar onde estivermos, pois estaremos juntos nessa luta.

Um grande abraço. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA ERIKA KOKAY) - Obrigada, Deputada Aríete Sampaio.

Também registramos a presença da Sra. Maria Josenilda da Silva, representando a Gerência de DST/AIDS do Distrito Federal. Já tivemos a oportunidade de estar com S.Sa. na Câmara Legislativa do Distrito Federal fazendo uma discussão contra a discriminação que atinge os soropositivos.

Também registro a presença do Sr. Miquéias Paz, mímico de renome internacional.

Passamos a palavra à Deputada Eliana Pedrosa, que também é autora desta sessão,

DEPUTADA ELIANA PEDROSA - Exma. Sra. Presidente, senhoras e senhores, nesta manhã eu gostaria de parabenizar todos os participantes do movimento, aqueles que no Distrito Federal, a exemplo do restante do mundo, procuram se colocar a favor de todas as formas e posicionamentos que se traduzam no melhor relacionamento entre as pessoas, no maior respeito, e principalmente no respeito à cidadania.

Acreditamos que, na democracia, esse respeito da cidadania tem de ser supremo. Para isso acontecer não podemos admitir de forma alguma



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	13

qualquer tipo de discriminação, especialmente uma discriminação por orientação **sexual**, que é aquela que diz respeito ao sentimentos entre as **pessoas**, àquilo que as pessoas têm de melhor, que é a forma da manifestação do seu **carinho**, do seu amor, enfim, é a própria manifestação de cada um.

i Estamos aqui presentes nesta sessão solene para dizer que a Câmara Legislativa do Distrito Federal é mais um fórum com o qual todos, de qualquer movimento, de qualquer luta por esse direito de cidadania, poderão contar. Sempre contarão com o nosso apoio e com o nosso empenho, porque precisamos mostrar a importância desta instituição para todas as lutas. Esta é mais uma luta a que a Câmara Legislativa do Distrito Federal não poderia se omitir.

A Deputada Erika Kokay está de parabéns por ter tido a iniciativa de trazer para a Câmara Legislativa do Distrito Federal essa homenagem para que este Plenário reconhecesse a importância do movimento no Distrito Federal.

Muito obrigada. (Palmas.)

i (Assume a Presidência a Deputada Aríete Sampaio.)

PRESIDENTE (DEPUTADA ARLETE SAMPAIO) - Com a palavra o Sr. Procurador Regional do **Trabalho**, do Ministério Público do Trabalho do Distrito Federal, Maurício Correia de Mello.

SR. MAURÍCIO CORREIA DE MELLO - Bom-dia aos integrantes da **Mesa** e a todos as senhoras e os senhores.

Eu gostaria de falar bem mais do que poderei. **Portanto**, falarei rápido. O mais importante, de início, é registrar que o Ministério Público do



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	14 ¹⁸

Trabalho está presente nesta sessão solene. Esta participação institucional de órgãos de entes estatais é muito importante e tem sido uma coisa inédita. Esta sessão solene na Câmara Legislativa é muito significativa.

Para contextualizar, vou me limitar a fazer comentários jurídicos a respeito da questão do tratamento que a orientação sexual recebe na nossa legislação.

Início falando de uma lei de 1830, das Ordenações Filipinas, que dizia o seguinte: "Toda pessoa de qualquer qualidade que seja, que pecado de sodomia por qualquer maneira cometer, seja queimada e feita por fogo em pó para nunca de seu corpo em sepultura possa haver memória, e todos os seus bens sejam confiscados para coroa de nossos reinos, posto que tenha descendentes e, pelo mesmo caso, seus filhos e netos ficarão inabilitados e infames assim como os daqueles que cometerem crime de lesa-majestade."

Essa lei, obviamente, há muito tempo deixou de vigorar em nosso País. No entanto, o inconsciente coletivo jurídico ainda está presente nos operadores do Direito. É verdade que dessa forma explícita não encontramos mais discriminação em nossa legislação. Depois disso houve todas as conquistas do Iluminismo - direito à igualdade e à dignidade -, e uma lei como essa ficou impossível de existir. Mas, nos Estados Unidos e em alguns Estados, como a Deputada Erika Kokay citou, ainda vigora lei que criminaliza a prática de sexo entre duas pessoas do mesmo sexo.

O direito à igualdade vem de longa data em nosso sistema jurídico. No entanto, não basta a igualdade estar formalmente na lei, ela tem de ser perseguida, tem de ser implementada. Com relação, especificamente,



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	15 ⁹

à orientação sexual, temos de tratar, além da igualdade, do direito à liberdade. A nossa Constituição diz que ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer algo senão em virtude da lei. Uma lei que proibisse que a pessoa tivesse a orientação sexual voltada para o mesmo sexo e praticasse a sua sexualidade seria totalmente inconstitucional, porque feriria o direito à igualdade, o direito à não-discriminação, o direito à dignidade humana e direito à privacidade, que foi o fundamento pelo qual se declarou inconstitucional aquela lei americana a que nos referimos.

Na nossa Constituição não está explicitamente a proibição da discriminação contra orientação sexual, ao contrário da Constituição aqui do Distrito Federal. Mas as questões que estão enumeradas na nossa Constituição de sexo, de gênero e de raça são apenas exemplificativas. Nenhuma forma de discriminação está autorizada a não ser aquelas que encontram justificativas legais, por exemplo, proteção às mulheres, proteção para as crianças e adolescentes. Além desses direitos que foram citados, há um direito humano mais recente: que é o direito ao reconhecimento da luta contra o estigma e a ofensa que fere a dignidade humana. Tratamos muito especificamente desse direito ao reconhecimento. Temos de diferenciar preconceito, discriminação e cultura do ódio. Preconceito é uma questão íntima da pessoa. Embora a Constituição diga que o preconceito está vedado, não podemos impedir que a pessoa tenha preconceito, está na mente ideia, o Estado não interfere nisso.

A legislação proíbe a discriminação e também a cultura do ódio como, por exemplo, páginas da *Internet* homofóbicas e racistas. Tudo isso é a cultura do ódio que deve ser reprimida.



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	16 ²⁰

Temos também de lembrar que toda a legislação existente é predominantemente feita por quem defende o discurso heterossexual. Temos; de ter uma maior participação, uma maior organização nos movimentos que defendem os direitos das pessoas com orientação sexual voltada para o mesmo **sexo**, com a participação desses movimentos nas sessões solenes desta Casa e nas da Câmara dos Deputados. É preciso que todos tenham voz no Congresso. Isso tem de ser garantido.

Falando especificamente do mundo do trabalho, a Deputada Erika Kokay lembrou desse caso inédito que condenou uma empresa de supermercados por danos morais por uma pessoa ter sido discriminada pela **homossexualidade**. É um caso realmente inédito, porque não podemos esquecer que o sistema judicial como um todo é composto de seres humanos que têm os mesmos preconceitos que todos nós. Esse caso é um precedente muito importante.

Eu havia feito uma pesquisa no ano passado e não tinha encontrado uma decisão favorável aos homossexuais. Havia dois casos muito **significativos** e o juiz entendeu que não restou provado. Ora, para o juiz **ver** a realidade ele tem de querer vê-la. Então, no momento em que ele não vê aquela discriminação, não interessa o que mais possa existir de legislação, porque o juiz não vê a realidade como ela é. **Ele** foi impedido de ver a **realidade** pelo seu preconceito.

A prova é sempre difícil, em se tratando de discriminação. Por isso, temos sempre defendido uma regra específica de **que**, havendo indício de discriminação, haja uma inversão do ônus da prova. A prova deve caber àquela pessoa que está sendo acusada de discriminação. Ela faz essa prova



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página	Y. 3
30/06/03	11h	SOLENE	17	

mais facilmente do que aquela pessoa que está sendo vítima da discriminação. Como ela faz essa prova negativa? Simplesmente mostrando que há uma diversidade no seu ambiente de trabalho.

O Ministério Público do Trabalho age, investiga e propõe às empresas a assinatura de termos de compromisso de ajustamento de conduta e, eventualmente, entra com ação civil pública. No caso dessa empresa de supermercado, se tivéssemos recebido a denúncia, poderíamos também tentar uma condenação por dano moral coletivo.

Todo o caso de discriminação afeta não somente aquela vítima, mas também toda a sociedade e todo o sistema jurídico. Quando se impede que uma pessoa ingresse em um emprego porque foi discriminada, não adianta nada todo aquele arsenal de legislação da CLT, da Constituição, das normas internacionais. Então, não adianta ter legislação se há essa discriminação. É prioridade no Ministério Público do Trabalho o tema da discriminação. Temos uma coordenação nacional específica.

Concluindo essa breve contextualização jurídica da questão, eu queria dizer que é muito importante essa mobilização do Dia do Orgulho Gay, tanto coletivamente quanto individualmente. Essa mobilização permite amenizar um pouco da maior dor que é a dor do silêncio. Tenho a expectativa de que esse dia não seja apenas o Dia do Orgulho Gay, mas, sim, de que seja o dia do orgulho da cidadania, da liberdade, da dignidade, da não-discriminação, de que esse dia seja um dia de todos nós, independentemente da orientação sexual.

São essas as minhas breves palavras.

Obrigado. (Palmas.)

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	18

PRESIDENTE (DEPUTADA ARLETE SAMPAIO) - Agradecemos ao Sr. Maurício Correia de Mello, por sua exposição.

Convidamos a fazer uso da palavra o nosso querido amigo, jornalista, escritor e fundador do Grupo Beijo Livre, Alexandre Ribondi.

SR. ALEXANDRE RIBONDI - Sra. Presidente, eu gostaria de saber falar emocionadamente como V.Exa. e a Deputada Erika Kokay. De maneira geral, eu não consigo.

Agradeço ao Sr. Maurício por ter falado tanto do Beijo Livre, grupo que criamos no final dos anos 70, na época da ditadura. Vejo que aqui estão presentes o Humberto Pedrancini, o Romário Cezar Schettino e o Léo. Eles participaram da primeira reunião do grupo na minha casa. Somos todos egressos do Beijo Livre. Nos anos 70, tentávamos também mostrar a nossa cara, época de ditadura em que ninguém fazia isso. Às vezes, eu vejo, com orgulho paternal, pessoas soltas no mundo, trabalhando com ideias que discutíamos há tanto tempo, em situações tão adversas.

Rapidamente, quero contar duas histórias. Não vou tomar muito o tempo de vocês. Em 1972, na Universidade de Brasília, eu estava saindo da Biblioteca indo em direção ao Minhocão, quando fui abordado por dois senhores armados que me disseram que eu estava preso. Foi uma situação muito engraçada, porque, quando me colocaram dentro do carro, eu perguntei se deveria me sentar na frente ou atrás e eles não sabiam me responder a essa pergunta. Eu disse: "Não quero criar nenhum embaraço. Eu só perguntei por questão de segurança". (Risos.) Eles ficaram discutindo. Estavam tão nervosos quanto eu. Prenderam-me. Isso era fato corrente em



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	19 ²³

1972. Eu gostaria de lembrar que eu não era nenhuma pessoa especial por ter sido preso. Todo mundo era preso nos anos 70.

Meu irmão, Ludovico Ribondi, que está presente, é a pessoa que mais justifica a sigla GLS. Se existe um simpatizante militante, essa pessoa é o meu irmão. Por causa dele, criaram o "S" do GLS. Ele é o "S", é claro! (Risos.) Ele só foi avisado dois ou três dias depois que eu havia sido preso porquê consideraram que era apenas uma bicha sendo presa. É triste falar isso. Eu até me emociono. Era verdade. Sem querer ser vítima, isto foi verdade: era apenas uma bicha sendo presa e eu não tinha importância no movimento estudantil e universitário.

Lá dentro, quando estávamos presos e sendo torturados, eu percebia que havia uma obsessão quase infantil por parte da polícia para saber os detalhes da homossexualidade. Eu comecei a perceber que tinha sido preso e estava sendo torturado por essa questão que não estava explícita por eles nem por ninguém. Essa questão era premente, porque eles deixavam de me perguntar outras coisas que eram importantíssimas - onde ficava a nossa rádio, que livros estávamos lendo e que estavam sendo distribuídos - para perguntar banalidades sobre o beijo na boca. Eles estavam realmente muito curiosos, de uma maneira muito agressiva.

Nos dias em que fiquei preso, pensei que, pelo menos no que se refere à repressão homossexual, tanto a esquerda quanto a direita estavam de mãos dadas. Elas concordavam com a repressão homossexual. Hoje, é muito interessante perceber que tanto aqui quanto na Câmara dos Deputados a esquerda e a direita estão de mãos dadas na tentativa de lutar contra b preconceito. Lá o PT e o PFL estão juntos. É muito bom que isso

MCÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
3ª SECRETARIA - DIRETORIA LEGISLATIVA
DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA E APOIO AO PLENÁRIO
SETOR DE TAQUIGRAFIA**NOTAS TAQUIGRÁFICAS**

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	20 ²⁴

seja feito. Já que estiveram de mãos dadas para nos humilhar e nos perseguir, que agora dêem as mãos para reconhecer que essa é uma luta por direitos civis.

A segunda história que eu gostaria de contar aconteceu no início dos anos 90. Eu me apaixonei por um homem e íamos morar juntos. Claro, é natural pessoas se apaixonarem e irem morar juntas. Como cidadão brasileiro, eu não podia convidá-lo a vir morar no meu país. Se fosse uma mulher, eu poderia convidá-la a morar no meu país. Qualquer cidadão brasileiro pode convidar quem ama a morar em seu país. Eu não podia. Era proibido porque não havia meios de encaixá-lo. Como encaixá-lo? Casando-se comigo? Não podia. Ele não podia morar no meu país.

É num momento assim que, realmente, sem pieguices e sem dramas exagerados, sentimos na pele como nos roubam a cidadania. Em momentos como esse, deixamos de ser cidadãos. Não podemos fazer nada. Não há a quem recorrer. Resta-nos cair na clandestinidade ou usar recursos ilegais, que são humilhantes para pessoas que, como eu, trabalham, pagam impostos, estudam, votam e fazem tudo. Para poder ficar no Brasil, o meu companheiro teve de se casar com uma mulher, o que era um crime. Poderíamos ser presos por isso. Entendo muito bem como a ilegalidade leva as pessoas a cometer mais e mais crimes.

Segundo a lei brasileira, casamento é a união entre um homem e uma mulher. Se apenas alterassem a definição de casamento e dissessem que casamento é a união entre pessoas, já seria o suficiente. Os homossexuais não podem fazer nada a não ser esconder a homossexualidade.



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	21

Nos anos 80, tentei ter um plano de saúde da Golden Cross e informei a eles o nome do dependente. Perguntaram-me qual era o parentesco, e eu respondi: concubino. A lei define que quem mora junto e não é casado é concubino. O funcionário me disse: "Nós não podemos aceitar! isso". Eu falei "Então, eu também não aceito vocês" e não fiz o plano. Então, vamos ficando sempre à margem. Se não concordamos, a solução é ficar à margem e deixar de fazer isso e aquilo.

Durante três anos seguidos, pus o nome de uma pessoa do mesmo sexo no Imposto de Renda. Fiz constar concubino e despesas com concubino. Aceitaram isso. Nunca caí na malha fina. Então, conselho: façam isso. É fazendo que a gente chega lá. Na próxima declaração de Imposto de Renda, ponham o nome do companheiro ou da companheira e esclareçam: concubina ou concubino, esposa ou esposo, companheira ou companheiro, cônjuge.

Finalmente, há um mês, eu estava no QG do Exército, fazendo uma palestra para cinco mil professores de todo o País sobre o tema "O Tratamento com a Diferença na Sala de Aula". Na Mesa, havia um negro, uma mulher e eu. Como sempre digo, "e eu". Estávamos discutindo como se tratam as diferenças dentro da escola. Disse para os professores e para os pais que amor é definitivamente uma palavra maravilhosa e um sentimento que abarca tudo.

Sei disso por experiência própria, na minha própria pele. Quando eu tinha quinze anos, o meu pai abriu a porta do meu quarto. Geralmente, descobre-se a homossexualidade por meio de cartas ou telefonemas. No meu caso, foi abrindo a porta do quarto. O meu pai abriu a porta do quarto e



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	22

me viu com o meu companheiro. O meu pai, Firmino Ribondi, um grande homem, sentou-se na cama ao lado, olhou para mim e para esse meu amigo e disse para ele: "Se o seu pai disser para você que nunca fez isso ele vai estar mentando".

No nosso tempo, passávamos a chave na porta. Façam isso da próxima vez. Eu tenho certeza de que sou feliz por causa disso. A minha felicidade depende disso, (Palmas.)

Muito obrigado.

! É inevitável. Se o filho é homossexual, ele vai ser homossexual. Agora, já só restam duas coisas: ele será feliz ou infeliz, e ser feliz depende de nós, dos pais, do amor que você dá. Se você encher a bateria do seu filho de amor, ele terá amor para andar o resto da vida até morrer. É a única solução, porque a homossexualidade não é um problema; portanto, ela não tem solução. Vamos viver com ela.

! Muito obrigado pelo convite para participar desta sessão solene. Estou muito contente por estar aqui. Eu fiquei muito emocionado na hora em que me levantei e cantei o Hino Nacional, porque ainda acredito nessas coisas. Talvez eu seja de uma geração criada no nacionalismo getulista. Para mim, ficar de pé e cantar o Hino Nacional é uma emoção que vocês não imaginam.

Muito obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA ARLETE SAMPAIO) - Ribondi, você não falou com a nossa emoção, mas falou com a sua e encantou a todos.

Passo a palavra, agora, à Sra. Patrícia Lessa, doutoranda em Estudos Feministas do Curso de História da UnB.



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	23 ²⁴

SRA. PATRÍCIA LESSA - Bom-dia a todas e a todos.

Vim participar desta sessão com uma missão bastante difícil: a de representar a Dra. Tânia Navarro-Swain e, em nome dela e em meu nome, agradeço às Deputadas Aríete Sampaio e Erika Kokay pelo convite.

A fala que eu trouxe hoje é no sentido de pensar como a discussão do lesbianismo está impregnada nas lutas feministas. Então, começo questionando: quem são as lésbicas, onde elas estão, será que continuarão sendo evocadas somente em alguns momentos, por exemplo, como este, que é o mês em que se discute e se comemora o Dia do Orgulho Gay e Lésbico?

Parece-me que o silêncio profundo é uma marca visível quando tentamos nos reportar a essa questão. A Prof. Tânia Navarro-Swain tem um livro chamado *O que é lesbianismo*, lançado recentemente pela Brasiliense, no qual ela diz que existe um ou vários sentidos que expressam esse silêncio na história. Com o título *O que a história não diz não existiu*, ela busca entender quais são os caminhos de fuga que tentam apagar a existência das lésbicas e sua aparição. Ela representa uma contradição à ordem natural da heterossexualidade dominada pelo mundo masculino.

Em alguns outros espaços urbanos, podemos ver a repercussão desse silêncio, aparecendo em diferentes máscaras, como, por exemplo, as práticas domesticadoras que a educação exerce sobre as crianças desde muito tenra idade e o massacre e as punições que as religiões imprimem às mulheres e às lesbianas de forma mais específica. Outra prática seria a própria ciência que, de forma racionalista e positivista, tenta medir e comparar os seres humanos a ratos de laboratório. Também podemos falar,



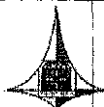
Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	24

hoje, das campanhas publicitárias que tentam vender modelos estéreis da própria vida. Ou seja, a homossexualidade feminina ou a lesbiandade, como queiram, está sendo engendrada por meio desses silêncios ou por meio das ideias flue buscam engessá-la e torná-la mais atraente.

O silenciamento dessas vozes sociais não é um simples apagamento de seus personagens, porque esses personagens estão aí, estão na rua, mas o silêncio marca uma existência que é abjeta, indesejável e, junto com o silêncio das palavras, proíbe-se também o sentido que essas palavras carregam. Cito o exemplo de um trabalho clássico feito na Itália sobre uma abadessa chamada Benedetta, que viveu no Renascimento Italiano. Uma autora chamada Judith Brown tentou resgatar, em uma obra conhecida como *Atos Impuros*, a história do processo clerical que levou anos e anos e, ao longo dele, nenhuma palavra foi citada a respeito da relação que essa abadessa teve com uma outra chamada Bartolomea. Esse registro só foi possível a partir do quê? Das entrelinhas e do próprio silêncio.

Então, hoje, podemos cogitar em fazer uma história das mulheres lésbicas a partir de uma história que vem da inserção das lésbicas no movimento de mulheres e nos movimentos geradores dessa problemática.

Então, os feminismos, como um marco epistemológico e político, possibilitam-nos pensar em uma organização sexuada e hierárquica da sociedade, sociedade polarizada em opostos, a qual chamamos de organização binária, que toma como parâmetro sempre o seu oposto. A mulher pensada como o oposto complementar do homem foi marcada com o selo de natural, de passiva, de sensível e de frágil. Daí, os feminismos pensarem em um termo que se tornou corrente nos anos 70, que é a



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	25

heterossexualidade compulsória, como uma regra universalizante que determina os papéis sexuais e o local onde cada um deverá falar dentro da sociedade. Então, com o par binário "homem e mulher" imprimem-se os papéis do verdadeiro homem e da verdadeira mulher. Assim, essa tolerância às práticas sexuais diversas fica na dependência de uma maior ou menor hegemonia dessas práticas e a simetria que existe neste par binário é também histórica.

i Podemos perguntar; será que em todas as sociedades, em todas as culturas, a imagem das mulheres como frágeis e dóceis é reproduzida? Será que a própria maternidade sempre foi vista como um dom natural que eleva a mulher ao estatuto de verdadeira mulher? Pois bem, os feminismos, ao longo do tempo - falo feminismos porque é um movimento plural, não há uma só corrente -, demonstram a necessidade de desnaturalizar o corpo, não mais entendido como um dado biológico imutável, mas como marcado pela história com sentidos que o social imprime. Então, o corpo, como uma construção, é mutável e maleável, embora à mercê da disciplina, da docilização, da domesticação, do assujeitamento. É um corpo que pode resistir, que resiste e não é sempre absoluto. É domesticado ou é revolucionário? Não, o feminismo propõe uma mudança radical nesses absolutismos, em vez da exclusão do "ou... ou", podemos pensar na inclusão do "e".

Cito uma outra autora norte-americana, Judith Butler, que questiona essa ideia de uma identidade fixa. Aí, podemos pensar que, desde os anos 70, autoras como Monique Wittig e Adrienne Rich, escritoras francesas e militantes, já falavam das lésbicas como uma identidade política.



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	26

Então, essa é uma estratégia que quebra o binarismo, já que existe uma impossibilidade material nessa polaridade homem e mulher presente na relação lésbica. É a ausência do masculino na relação entre mulheres que causa a recusa ou mesmo a deturpação da lesbiana ao longo da história. É por isso que a experiência lésbica é um dos solos onde a heterossexualidade compulsória não poderá manter-se em pé.

Os feminismos tanto em suas ações como nas suas teorias vieram sacudir as evidências dos modelos totalitários de homens, mulheres, seres humanos e por isso questionam os perigos do modelo, pois mesmo as homossexualidades correm o risco de padronizarem comportamentos através da apologia do verdadeiro gay, da verdadeira lésbica, do verdadeiro travesti, do verdadeiro transexual. O que une essas categorias? Se formos pensar o que une as lésbicas? Se nós, lésbicas, formos pensar o que nos une nesta categoria, será que chegaremos a um lugar comum? Somos muitas. Somos brancas, negras, amarelas, jovens, idosas, trabalhadoras, desempregadas, apaixonadas, somos tantas quantas são as possibilidades de ser... O que nos une então? Podemos dizer que é da ordem do político, pois essa invisibilidade causa profundos danos aos personagens sociais. Danos e problemas de toda ordem que podem ser apontados como: jurídicos, atendimento médico, de auto-estima, na exclusão e no abandono.

Por isso, eu aponto a questão das políticas afirmativas para as lésbicas que estão aí, estão acontecendo, é necessário o enfrentamento à moral e ao puritanismo que insiste em negar a existência lésbica. As lésbicas existem, esse deve ser o ponto central e de partida para se pensar as condições dessa inserção social.



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	27

V

Eu aponto aqui um evento importante que foi o V Seminário Nacional de Lésbicas, realizado São Paulo entre os dias 18 e 22 de junho, que demonstrou a urgência desse debate e teve duas lutas interessantes que foi a I Parada Lésbica na Avenida Paulista, realizada no dia 21 de junho, que reuniu uma infinidade de mulheres, e o lançamento da Liga Nacional de Lésbicas. Essas duas atividades, sem dúvida, são a marca de que esta história está sendo feita. Mesmo que venham algumas vozes acusando as lésbicas de não dizerem, de não aparecerem por sua própria vontade, de não defenderem seus interesses, essa voz, então, tem que se calar porque ela fica insignificante frente ao coro de mulheres que gritou junto nas ruas de São Paulo no dia 21 de junho: "Nós somos lésbicas, lésbicas..." E ainda não se tem a dimensão do sentido, do significado de todo esse evento para o nosso país.

Eu vou terminar a minha fala deixando as últimas palavras para uma escritora francesa que é a Monique Wittig, feminista, lésbica, ativista dos anos 70. Deixo as últimas palavras para ela porque ela faleceu esse ano, no mês de fevereiro. Essa fala maravilhosa dedicada às lésbicas norte-americanas em 1978 que é muito atual diz o seguinte; "Esta dimensão da história pertence-nos, já que de algum modo fomos designadas e uma vez que, como disse Levi-Strauss, falamos, vamos dizer que quebramos o contrato heterossexual.

Portanto, isso é o que dizem as lésbicas neste país e em alguns outros, se não com teorias então pelo menos através da sua prática social, cujas repercussões na cultura e sociedade hetero são ainda incalculáveis. Um antropólogo poderá dizer que teremos que esperar cinquenta anos. Sim,



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	28

se se quiser universalizar o funcionamento destas sociedades e fazer com que apareçam suas invariantes. Entretanto, os conceitos hetero estão minados. O que é mulher? Pânico, alarme geral para a defesa ativa. Francamente, este é um problema que as lésbicas não têm por causa de uma mudança de perspectiva e seria incorreto dizer que as lésbicas se associam, fazem amor, vivem com mulheres, pois 'mulher' tem significado somente em sistemas de pensamento heterossexual e em sistema econômico heterossexual. As lésbicas não são mulheres."

Esse texto, dedicado às lésbicas norte-americanas, foi lido em 1978 em New York na Convenção da Associação de Linguagem Moderna.

Muito obrigada.

PRESIDENTE (DEPUTADA ARLETE SAMPAIO) - Obrigada, Patrícia Lessa, pela sua exposição.

Passo a palavra, agora, ao Humberto Pedrancini, diretor e ator do teatro da companhia *O Hierofante*, Membro do Grupo Beijo Livre, Comendador da Ordem do Mérito Cultural do Distrito Federal e Cidadão Honorário de Brasília pela sua importante contribuição no movimento cultural de Brasília.

SR. HUMBERTO PEDRANCINI - Sras. e Srs. Deputados, componentes da Mesa, bom-dia.

Eu também me emociono em ouvir o Hino Nacional, principalmente em um encontro *gay*, coisa impensável há vinte e tantos anos, quando nos juntávamos para criar o Beijo Livre. Sem dúvida, seríamos presos; porque o Hino Nacional era privilégio dos ditadores. Era monopólio dos gorilas detentores do Poder. Conquistas. Isso que se deu. Conquistas!



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/02	11h	SOLENE	29 ³³

Chegamos aqui a ouvir o Hino Nacional pela organização e pelas conquistas realizadas pelas pessoas que, desde então, têm lutado. O Beijo Livre deu frutos. Surpreendo-me.

Não tenho militado. Tenho dedicado minha vida mais ao movimento cultural e não à questão da homossexualidade. Surpreendo-me quando abro um panfleto e vejo "Prémio Beijo Livre de Afirmação Homossexual". Emociono-me quando descubro que há um programa de rádio chamado *Beijo Livre*, também de afirmação homossexual. Emociono-me, fico encantado, sou uma bicha histórica.

No entanto, nós, homossexuais, não precisamos de compaixão e não a queremos. Queremos direitos, já que deveres nos são exigidos, como a todo brasileiro, com carga estrondosa, enorme e de maneira tempestuosa. Queremos, sim, direitos! Mas, para que continuemos alcançando nossos direitos, é preciso que cada vez mais nos organizemos, como instituições, como entidades. Que descubramos, sim; que tenhamos consciência de que somos poder económico, já que, neste momento, todos os bares começam a querer clientela *gay*. Lojas começam a dispensar um tratamento específico, querendo uma clientela que *gaste*, uma clientela *exigente*, uma clientela de bom *gosto* - não que outras pessoas não sejam.

É preciso que saibamos disso. É preciso que nos organizemos, como *empresários gays* e que cada vez mais venhamos a ocupar espaços. É preciso ocupar espaços. Existe um grande movimento de igrejas conservadoras, de carácter fascista, que se dão o direito de achar que têm o monopólio de Deus e que cada vez mais têm eleito representantes que agem com organização e violência contra nós. É preciso que elejamos as



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página	U
30/06/03	11h	SOLENE	30	6

peçoas que estão comprometidas com a nossa causa. É preciso, sim, que cada vez mais nos organizemos a fim convencer peçoas a votar nos nossos defensores, nos homens e mulheres comprometidos com a nossa causa, porque, se bobearmos, essa lei de 1830 volta, Sr. Procurador. Em nome de Deus, cometeram-se as maiores atrocidades de toda a história da humanidade. É preciso que estejamos vigilantes. Por outro lado, é preciso que nos organizemos mais ainda. Se essas igrejas não nos aceitam, criemos as nossas igrejas. Deus não é privilégio de alguns.

É preciso, sim, que haja democracia social, política e jurídica. São necessárias, cada vez mais, leis que garantam os nossos direitos. Que possamos exercer a nossa cidadania em todos os sentidos e não sejamos tratados juridicamente como cidadãos de terceira ou segunda classe. Somente no Concílio de Trento deram alma às mulheres. Muitos anos depois justificava-se a escravidão, porque negro e índio não tinham alma. Somos desalmados, terríveis, subversores da ordem e da família tradicional. Queremos subverter, sim, essa família fascista, que não dá liberdade e que possamos nos tornar realmente uma grande família. No dizer de Cassiano Ricardo, um dia descobriremos - e esse será o descobrimento definitivo de toda história da humanidade - que somos todos irmãos. Aí haverá uma festa e vou dançar até o sapato pedir para parar. Aí eu paro, tiro o sapato e danço o resto da vida.

Obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA ARLETE SAMPAIO) - Registro a presença do Exmo. Sr. Deputado Distrital e Presidente da Comissão de



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	31

Defesa do Consumidor, Deputado Chico Leite. Agradeço as belas e emocionantes palavras do Sr. Humberto Pedrancini.

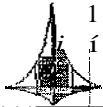
Concedo a palavra ao Sr. Presidente da ONG Ações Cidadãs em Orientação Sexual e apresentador do programa de rádio Beijo Livre e membro do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, Jaques Jesus.

SR. JAQUES JESUS - Boa-tarde.

Eu gostaria, primeiro, de agradecer a presença dessas trinta e cinco pessoas que me trazem muita alegria. É um número importante. A Parada de São Paulo, no último domingo, com um milhão de pessoas, começou com apenas 35, como nós aqui. Quem sabe, daqui para frente, teremos mais um milhão de ideias e realizações que nos viabilizem a cidadania, o sonho do pai e do irmão do Ribondí, que nos emocionou.

O Humberto também, com toda a sua sabedoria, veio nos falar do que realmente importa no nosso movimento. Muitas vezes, dentro da luta, de toda violência, esquecemos do amor, da arte, da beleza, que é algo que temos sempre de lembrar.

Na verdade, esse movimento nem deveria ser de pessoas, não deveria ser personalista. É um movimento de ideias, pois, se eu estou aqui, estou, na verdade, tentando, de alguma forma, representar os desejos de muitos outros. Estou aqui como um objeto do desejo de muitas pessoas e não como alguém que está querendo se expor. Então, devo primeiro agradecer aos Deputados Chico Leite, Erika Kokay, Aríete Sampaio e Eliana Pedrosa, por todo esse empenho. Lamento a ausência de muitos Deputados. Observei a presença do Deputado Brunelli e gostaria que ele participasse desse encontro.



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	32 <i>76</i>

O Humberto falou sobre a questão da religião. É interessante que apesar de haver homossexuais em todos os lugares, em todas as igrejas, inclusive deputados e deputadas, muitas pessoas ainda mentem sobre o assunto e não querem sequer discuti-lo. É como o seu pai falou; "Se o seu pai disser que nunca fez isso, ele vai estar mentindo". Deveria haver uma atitude mais positiva, mais representativa, mais corajosa da população para estar presente aqui. Isso seria uma colaboração pela cidadania.

Considero uma grande covardia, exceto em caso da presença impossibilitada, a ausência das pessoas a esse encontro. Isso vai contra à luta do Dia do Orgulho Gay.

Eu trouxe alguns *slides* para mostrar para as pessoas, mas não sei se a colega que vai nos auxiliar está presente. Vou fazer oralmente.

Quero falar sobre o Dia do Orgulho Gay. Vou começar com a palavra *gay* que, na verdade, significa homossexual e inclui homens e mulheres, conforme a Patrícia retificou. As mulheres estão presentes em nossa luta. Ainda estou analisando isso. É tanta sabedoria nesta Mesa que me falta capacidade de absorver tudo. Temos que ser humildes para fazer isso, porque é muita sabedoria junta.

São pessoas como essas que justificam este tipo de evento. Não é uma coisa apenas burocrática. A sabedoria dos presentes justifica a realização desta sessão.

O Dia do Orgulho Gay se refere a uma luta de homossexuais, *gays* e travestis no dia 28 de junho de 1969 - um ano muito significativo, simbólico, interessante. Isso aconteceu no bar *Stonewall Inn*, em Nova Iorque, onde *gays* e travestis foram abordados por policiais, mas ao contrário



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	33

dos outros dias, diferente dos 1500 anos de repressão religiosa, institucional e legal, eles combateram a repressão e inauguraram a renovação do movimento homossexual. Com coragem, eles deram início a algo diferente.

Sem os homossexuais, o outro mundo é impossível. Por quê? Porquê somamos cerca de 10% da população. Apesar disso poucos têm condições de se assumir. São poucos os que podem vir à Câmara Legislativa do Distrito Federal para procurar por seus direitos. Apesar disso estamos em toda parte, em todas as famílias, em todas as profissões. Por que somos esquecidos dessa forma se nossos direitos são iguais?

A pesquisa da ACOS - Ações Cidadãs em Orientação Sexual, em 2000, levou-nos à constatação de 187 casos de violência contra homossexuais, incluídas a violência verbal e física e, em 10,2% dos casos, os assassinatos. Curiosamente, isso aconteceu no ano em que foi regulamentada por esta Casa a Lei de Combate à Discriminação contra Homossexuais, que, infelizmente, ainda não foi regulamentada pelo Governador do Distrito Federal. Isso, para nós, é um crime. Temos que exigir do Governador a regulamentação dessa lei, porque é um dever dele, como ser humano, lutar para que não sejamos assassinados ou vilipendiados como acontece atualmente. É uma luta constante e difícil face às nossas dificuldades, mas temos tentado acompanhar nossos desejos com alguma prática.

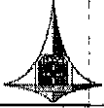
A Parada do Orgulho, de São Paulo, recentemente, mostrou-nos que temos uma atitude e que nossas ações são dignas de orgulho. Um milhão de pessoas fez dessa parada o maior evento cívico da história do Brasil. Isso não é pouco, porque quando começamos, com trinta e cinco

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	34

peças, éramos repudiados por isso. Como poderíamos com tão pouco ter alguma voz nesse meio? Mas hoje temos conseguido alguma coisa. As empresas GLS têm aberto espaço, elas têm se expandido e conquistado algum mercado, mas sempre é preciso uma conscientização política de que não somos meramente pessoas sem família e que podem gastar dinheiro com qualquer coisa. Antes de tudo, somos cidadãos e queremos respeito, independentemente da empresa que nos presta serviço. Temos família, sim. Somos pessoas como quaisquer outras.

Naquela projeção, coloquei uma frase de um grande militante homossexual do começo do século: "Pelo conhecimento, se chega à justiça". Esse era o lema da sua organização e, com isso, ele queria dizer que é por meio do conhecimento e da informação que superamos a ignorância da homofobia - o ódio aos homossexuais. É necessário que a sociedade compreenda essa diversidade e essa igualdade que são eminentes e iminentes à nossa realidade como seres humanos.

A nossa luta tem sido intensa. Creio que não podemos nos arvorar em dizer que conquistamos muito, pois penso que ainda falta muito a ser feito. Algo aconteceu. Esta sessão solene é uma amostra de que está acontecendo alguma coisa, mas não podemos nos acovardar e nos restringir a achar que, porque eu e vários representantes estamos nos apresentando aqui, isso é suficiente. Não importa ser membro de um conselho nacional de discriminação se não posso mudar nada. Como a colega Míriam disse outro dia, conversando conosco, de que adianta haver movimento homossexual se não se realiza nada, se não se criam leis? Para mim, isso não vale a pena.



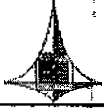
Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	35 ^a

Se não tenho coragem de assumir a luta, prefiro largar esse movimento e procurar qualquer outra coisa útil para fazer.

Então, é com essa coragem que temos de assumir o nosso papel como seres humanos. Precisamos lembrar da nossa missão de amor, de arte e de sabedoria e, acima dos títulos e dos nomes, procurar lutar pela igualdade, porque o que o homossexual quer não é privilégio. O que o gay, a lésbica, o travesti e o transexual querem não é o privilégio e, sim, aquilo que a Constituição determina, ou seja, o direito à sua isonomia, à igualdade de direitos, coisa que não é efetivamente realizada no nosso meio, na nossa sociedade. Não temos direito sequer de acompanhar os nossos companheiros, como o Ribondi disse. Não temos o mínimo de direito quanto a qualquer outra questão referente a respeito.

Então, a luta segue. Eu queria encerrar a minha fala lembrando aos presentes que eu trouxe um ofício aos deputados, contendo propostas para que os parlamentares que se dignaram a estar presentes a esta sessão solene legalizem o Dia do Orgulho Gay como um dia distrital de respeito, de conscientização ao homossexual e de combate à homofobia. Que este dia não seja apenas de festejo, simbólico, mas, sim, um dia em que a sociedade se irmane para que a diversidade seja respeitada.

Creio que, trazendo isso de ofício, daremos algum passo para, quem sabe, no próximo Dia do Orgulho Gay, a sociedade inteira possa estar ciente tísse tipo de evento que está ocorrendo nesta Casa e que das trinta e cinco pessoas presentes, passemos a quarenta, cinquenta, cem mil. O que importa não é o número de pessoas, mas a qualidade das ideias, porque apesar de poucas, elas fazem muita diferença.



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	36 40

Muito obrigado pela atenção. (Palmas.)

PRESIDENTE (DEPUTADA ERIKA KOKAY) - Obrigada, companheiro Jaques Jesus, por suas palavras.

Concedo a palavra ao Presidente do Estruturação - Grupo Homossexual de Brasília - e da Parada do Orgulho Homossexual de Brasília, Sr. Welton Trindade.

SR. WELTON TRINDADE - Bom-dia a todos.

Que bom que estamos aqui marcando o nosso orgulho. O orgulho não é coisa de pessoas prepotentes. Trata-se de um orgulho para, justamente, contrapor a vergonha que muitos ainda querem que sintamos. Sentimos orgulho, sim. Então, esse orgulho que conclamamos deverá nos libertar, para quebrar paredes, para desatar amarras que ainda nos tentam colocar.

Estamos vivendo a verdadeira revolução. A revolução se sente no olhar das pessoas e não por atos isolados, não por questões de palavras. Vê-se nas pessoas, na sociedade. É essa revolução que acho que todos estamos sentindo quando se fala da questão do fim do preconceito contra a homossexualidade.

Não se pode comparar de forma alguma o cenário que se tinha há cinco ou seis anos quando ocorreu a fundação do Beijo Livre, que fará dez anos no próximo ano, a ONG mais antiga do Centro-Oeste, mais antiga do Brasil. Não se pode comparar o que existia há cinco ou seis anos com o que existe hoje. As coisas estão mudando desde o movimento social, o movimento homossexual moderno vindo justamente do final da década de 70. Então, temos vinte e poucos anos de mudanças muito significativas.

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	37 41

Pegamos um bonde muito rápido, um carro supersônico e estamos caminhando neste sentido.

Então, hoje esse orgulho é acompanhado não por uma questão lastimosa. Sim, sofremos preconceito, mas estamos fazendo história. Esse é o sabor que devemos ter neste 28 de junho. Estamos fazendo história com um milhão de pessoas nas ruas, metade da população de Brasília. Estamos fazendo história quando hoje, na novela das oito, as donas de casa da Rede *Globo* aprovam um casal de lésbicas. Elas ainda não se beijam em cena, mas vão se beijar daqui a um tempo, porque temos que ver historicamente como as coisas acontecem.

Na metade da década de 90, duas personagens lésbicas tiveram que ser tiradas da novela em uma explosão de um *shopping*. Hoje, essas mesmas pessoas, as donas de casa da *Rede Globo*, aprovam um casal lésbico. Daqui a quatro anos, vão aprovar também que elas se beijem em cena. |

Estamos fazendo história quando, infelizmente, com a morte de Cássia Eller, uma grande representante lésbica, a sociedade inteira praticamente aprovou - vi isso na imprensa e em comentário nas ruas - que o Chicão ficasse com a Eugenia por reconhecerem que eles eram uma família] Isso eu vejo na cara das pessoas. Tenho 24 anos. Sou Presidente do Estruturação e estou lá há três anos. Já tenho inveja das pessoas com 15, 16 e 17 anos que chegam ao Estruturação, e não são poucas. Elas já estão felizes com o que sentem: o desejo e o carinho pela pessoa do mesmo sexo. |



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	38

Então, esse 28 de junho é mais um motivo para batermos no peito e dizermos que temos orgulho do que sentirmos. Quando falamos em sentir, o beijo é significativo. Um dos maiores atos políticos que podemos ter é o beijo. É muito significativo não deixarmos de praticá-lo, Ribondi. Hoje, pela manhã, fui vítima desse medo. A pessoa com quem estou não quis me beijar na porta do prédio. Na hora eu não falei nada, mas temos que romper o medo. Vejo as pessoas hoje rompendo o medo mais positivamente.

As ruas, por exemplo, são um grande significativo dessa revolução da história do povo no Brasil. Estou falando de um milhão de pessoas nas ruas de São Paulo. Estou falando de quase trinta paradas no Brasil. Aqui fica o convite para o dia 6 de julho estarmos no Eixão, às 14h, na altura da 106 Sul para, de novo, darmos esses passos pela cidadania, como diz o nosso material informativo que está sendo distribuído por todo o Distrito Federal.

Vamos fazer história. Esse "vamos fazer" é continuar a fazer porquê já estamos fazendo. Nesse sentido, rompemos com o medo. Esse medo a cada dia está ficando *out*, está ficando fora de moda, será guardado num baú que jogaremos fora. Estamos vivendo isso aqui.

Existe a questão da violência? Sim, existe. A questão da família é fundamental, Ribondi, como você disse, mas é importante também que se dê tempo aos nossos pais para que eles nos compreendam. Temos de nos libertar dessa questão, vivermos nossa vida, sermos felizes. Dessa forma, um dia, esses pais também nos abraçarão quando reconhecerem a nossa felicidade.



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	39

Quando eu disse para a minha mãe que era homossexual, ela começou a chorar. E eu falei: "Mãe, eu sou feliz assim". Então, eu senti realmente esse amor. Não é um amor que me cobra, é um amor que me compreende. Ela me compreendeu e viu que se essa é a minha felicidade, assim ela me aceita hoje. É essa a história que estamos fazendo. Quando duas pessoas se beijam num quarto, estão fazendo história. Quando vão para a irua, estamos fazendo história.

Então, continuemos isso: caminhando, beijando, amando, porque, é isso que estamos revolucionando, principalmente o Beijo Livre, de forma magnífica. Precisamos revolucionar as mentes. Estamos com cerca de quarenta e cinco voluntários e voluntárias, fazendo as maiores manifestações de direitos humanos do país e do mundo, de forma coletiva. Neste ano, tivemos a decisão de não só panfletar, de não só falar da parada em locais GLS, porque entendemos que quem é contra o preconceito; quem quer uma sociedade arco-íris, de todas as cores, tem de participar dessas paradas. Não só os homossexuais, não só as homossexuais. Acho isso importante também. Devemos conscientizar uma sociedade de diversidade, de heterossexuais, homossexuais e bissexuais, e também de diversidade entre nós. Vamos dar vida a essa diversidade dentro da diversidade.

Que vivamos essa delícia de compor um arco-íris, cada um com suas identidades e que fazem uma coisa maravilhosa.

Então, esta Casa do Povo tem de fazer jus a esse nome "Casa do Povo". Fala-se de legislação, de debates, de pensamentos, de indicações para a sociedade que não aceita o preconceito. A Lei n.º 2.615 foi aprovada aqui e foi à sanção do Governador, mas, infelizmente, foi vetada.



Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	40

Ela voltou à Câmara e foi derrubado o veto. Infelizmente, até hoje não foi sancionada essa lei. As deputadas e os deputados precisam se pronunciar a esse respeito.

O Ministério da Justiça e, agora, a Secretaria Especial de Direitos Humanos estão tentando, finalmente, pagar essa dívida com a gente. A Coordenação Nacional do DST-Aids hoje financia paradas no Brasil. Compreende-se a questão de saúde não apenas como questão biológica, mas também como questão humana, psicológica.

Estamos ocupando espaço nas ruas, nesta Casa do Povo e em todos os locais.

Essa questão da doação de sangue é horrível. O Estruturação vai acibnar juridicamente uma resposta da Anvisa - Agência Nacional de Vigilância Sanitária que proibiu a doação de sangue de pessoas que fizeram sexo com pessoas do mesmo sexo há um ano. Não se deve focar a orientação sexual de uma pessoa quando for analisado um sangue. Devem ser focados critérios científicos, técnicos. Então, essa é uma questão discriminatória, mas que estamos vencendo-a.

Então, vou encerrar dizendo que, na quarta-feira, às 9h30min, a Câmara dos Deputados, historicamente, pela primeira vez, vai fazer uma sessão solene em homenagem ao Dia do Orgulho Homossexual e da Consciência Homossexual. Vamos lá ocupar aquele espaço sem nos acanharmos. É mais um passo que estamos dando.

Eu queria encerrar as minhas palavras fazendo este grande convite: que sejamos felizes e que nos beijemos sempre. Vou falar com o

Data	Horário Início	Sessão/Reunião	Página
30/06/03	11h	SOLENE	41

meu companheiro; vamos beijar, porque isso é político, é gostoso. Fazer política é uma coisa gostosa também, que nos dá prazer de nos libertar.

Parabéns a todos que estamos fazendo história, que estamos sendo felizes. Ser feliz é fazer história.

PRESIDENTE (DEPUTADA ARLETE SAMPAIO) - Obrigada, Welton.

Registro que estiveram aqui presentes o Deputado Izalci e o Deputado Chico Vigilante, Líder da Bancada do PT, que pediu para justificar a sua ausência nesta sessão em função da sua participação em reunião da CPI dos Combustíveis.

Quero agradecer a presença de todos os que compuseram a Mesa e fizeram uso da palavra, por suas importantes contribuições dadas a esta discussão. Agradeço a presença de todos que aqui estiveram.

Quero dizer que eu, a Deputada Erika Kokay, a Deputada Eliana Pedrosa e todos os que foram autores do requerimento que propiciou esta justa homenagem estamos muito felizes porque desta maneira também estamos procurando dar a nossa contribuição a esse importante debate que, como disse o Welton, representa cada vez mais um passo à frente na conquista da cidadania homossexual.

Muito obrigada a todos.

Declaro encerrada a presente sessão.

(Levanta-se a sessão às 12h45min.)